

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL E EDUCAÇÃO DO CAMPO: AFIRMANDO A EDUCAÇÃO POPULAR

Tiago Prestes¹

Helida Santi Pereira²

Luana Carletto da Rosa³

Resumo

Este ensaio tem o objetivo expor o porquê da implementação de um campus Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, no município de Laranjeiras do Sul, mais especificamente do meio de um assentamento de reforma agrária. Também tentará esclarecer os motivos e a importância da UFFS, ter em sua grade de cursos, a graduação Interdisciplinar em Educação do Campo – Licenciatura na mesorregião da Cantuquiriguaçu, promovendo além de um desenvolvimento regional, proporcionando a muitos estudantes a oportunidade, de acesso a um curso superior. Esta com uma diversidade cultural latente em toda a região, com o maior assentamento da reforma agrária do Brasil, aldeamento indígenas e camponeses em comunidades rurais. Trata-se de um trabalho realizado essencialmente teórico.

Palavras-chave: Educação do Campo, Movimentos sociais, UFFS

1. Considerações Iniciais

O território da Cantuquiriguaçu apresenta-se multicultural, pois possui assentamentos da reforma agrária, povos do campo, indígenas entre outros povos tradicionais. Povos esses que por muito tempo foram excluídos e privados de seus direitos. Pensando nessa realidade surge a Universidade Federal da Fronteira Sul na busca de promover o desenvolvimento local e uma melhor qualidade de vida a população da região, e junto com ela surgiu então à proposta de um curso de graduação Interdisciplinar em Educação no Campo - Licenciatura com o objetivo de democratizar o acesso à educação, proporcionando uma educação formadora de "cidadãos" e libertadora dos historicamente oprimidos. Promovendo uma maneira de ingresso considerada revolucionária visto que a UFFS, é uma Universidade pública e popular, e que possui na esmagadora maioria de seus acadêmicos oriundos de escola pública, desta forma a graduação em Educação do Campo surge para corroborar e afirmar o

1 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFFS – Campus Laranjeiras do Sul

2 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFFS – Campus Laranjeiras do Sul

3 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFFS – Campus Laranjeiras do Sul

caráter popular, pois tem o objetivo de educar os povos historicamente desfavorecidos como: índios, assentados, quilombolas, ribeirinhos, povos da floresta, povos atingidos por barragens, camponeses entre outros tantos. A Educação do Campo identifica-se na luta pelo direito à educação, e que esta seja de qualidade e no lugar onde o sujeito vive, contemplando e modificando diretamente a sua vida; buscando formar cidadãos críticos, vinculam-se as lutas e movimentos sociais do campo, dialogando entre os diferentes sujeitos de diferentes culturas, valorizando cada uma delas de forma individual e coletiva, protagonizando a construção de seu projeto educativo. Desta forma a Educação do Campo é *do* sujeito do campo, não é com ele e nem para ele. A partir dessa lógica valorizar a cultura riquíssima encontrada nessa região, de um povo trabalhador e que luta para contrapor a barbárie provocada pelo modelo da economia capitalista, o agronegócio e a monocultura latifundiária, e tentar mudar a ideologia de que a cidade, e o meio urbano em geral é sempre o melhor.

A Educação do Campo tem como princípio oferecer uma educação no lugar em que o indivíduo vive capaz de formar cidadãos críticos e pensada pelos próprios indivíduos em questão, considerando o conhecimento que é inerente a esse povo valorizando sua cultura seus valores, seu idioma, espaço e saberes de vida dialogando conhecimento científico, mostrando onde de fato o indivíduo utilizará e em que momento a união de aplica na realidade e se faz presente.

2. A implantação da UFFS no território da Cantuquiriguaçu

A Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Laranjeiras do Sul, localiza-se no território da Cantuquiriguaçu, a qual é constituída por vinte municípios vizinhos (Campo Bonito, Condói, Cantagalo, Catanduvas, Diamante do Sul, Espigão Alto do Iguaçu, Foz do Jordão, Goioxim, Guaraniaçu, Ibema, Laranjeiras do Sul, Marquinho, Nova Laranjeiras, Pinhão, Porto Barreiro, Quedas do Iguaçu, Reserva do Iguaçu, Rio Bonito do Iguaçu, Três Barras do Paraná e Virmond), conta com 232,729 mil habitantes dos quais mais de 50% vive na zona rural, o qual possui um dos menores índices de desenvolvimento humano do estado do Paraná (0,787). (IPARDES, 2007).

Este território tem sofrido muitas mudanças que vão desde a implantação do agronegócio e a expansão da monocultura até a reestruturação da propriedade privada do campo, e ao fato de haver disputas por terra devido aos assentamentos de reforma agrária que contradizem a sociedade regional, nacional e internacional.

O processo de modernização da agricultura não gerou desenvolvimento no território da cantuquiriguaçu, uma vez que não distribuiu riquezas, nem criou condições para que os povos do campo estruturassem uma vida de qualidade. Isso se deve ao fato de todos os recursos estarem monopolizados, ocasionando o êxodo rural em grande proporção, característica que ocorre até os dias de hoje, onde grandes proprietários acabam pressionando agricultores que insistem em manterem-se em suas propriedades, levando-os a venda barata de suas terras e da sua mão de obra, desta forma, sendo obrigado a migrar aos centros urbanos em busca de qualidade de vida.

As primeiras ocupações de terra, pelos Trabalhadores Sem Terra (MST), iniciaram na década de 80. No final da década de 90 surgem os primeiros assentamentos da reforma agrária, transformando os latifúndios em propriedades de pequenos agricultores, aumentando consideravelmente a população de território com as ocupações MST.

Neste momento o fortalecimento dos movimentos sociais na região, iniciou mudanças ideológicas, nos diversos setores, exigindo uma educação ligada ao campo. Desta forma iniciam-se os debates sobre a educação do campo, como forma de combater a elitização da terra, recuperar a sua cultura, resgatar as diferentes identidades dos povos tradicionais, assim formando cidadãos políticos e lideranças ligadas aos movimentos sociais na luta por uma melhor distribuição dos recursos da terra.

A partir deste indicativo, os movimentos sociais e as prefeituras locais, iniciaram o debate sobre a possibilidade de existir uma universidade popular financiada pelo poder público, destinada a atender as classes desfavorecidas. Assim no primeiro semestre de 2006, o debate criou força com reuniões seguidas com as representações públicas das cidades vizinhas a Laranjeiras do Sul como Porto Barreiro, Rio Bonito do Iguaçu, Condói e Nova Laranjeiras.

A criação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) inicia com o Movimento Pró-Universidade Federal, coordenado por instituições dos três Estados do Sul do Brasil. O movimento se fortaleceu quando Governo Federal prometeu a construção de novas universidades com o propósito de integração regional e internacional, unificando assim o movimento dos três estados por uma Universidade Federal Multicampi, com uma proposta democrática de acesso à educação e humana compreendendo a realidade local com propósitos de desenvolvimento regional, uma vez que os locais onde os campi seriam instalados seriam regiões empobrecidas.

Após várias assembleias e discussões, o ministro da Educação FERNANDO HADDAD aprovou, em junho de 2007, a concepção de uma universidade federal para o Sul do Brasil (unindo o norte do Rio Grande do Sul, o oeste de Santa Catarina e o sudoeste do

Paraná). No ano seguinte foi criada a comissão de implantação da instituída Universidade Federal para Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul (UFMM).

Em 15 de setembro de 2009, foi estabelecida criação da UFFS, conforme o estatuto, tendo por finalidade:

I. O ensino, visando à formação de excelência acadêmica e profissional, inicial e continuada, nos diferentes campos do saber, estimulando a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II. A pesquisa e atividades criadoras em todos os campos do saber, de modo especial em temas ligados à problemática científico-tecnológica, social, econômica, ética, estética, cultural e ambiental, empreendendo ações que busquem alternativas e soluções;

III. A extensão universitária, visando ao aperfeiçoamento da organização social e o desenvolvimento da educação, da cultura, da ciência, da tecnologia, da economia e da política.

A UFFS atuaria como um espaço que garantiria a inclusão dos povos excluídos historicamente, possibilitando o desenvolvimento social, político e econômico dos próprios e regional. Porém o ensino superior parece distante para muitos, pois não se criou a cultura acadêmica, e também os incentivos de acesso adormeceram.

Com a proposta de desenvolvimento regional, o campus de Laranjeiras do Sul no Paraná, debateu com a comunidade externa que cursos de graduação atenderiam as necessidades regionais, os quais deveriam estar focados Ciências Agrárias, Indústrias, Gestão e o ensino voltado à formação de professores do campo. Os profissionais formados pela instituição terão uma preocupação em desenvolver pesquisas e trabalhos aplicados ao seu objetivo, o desenvolvimento regional.

3. Educação do Campo

A Educação do Campo vem com o propósito de substituir a Educação Rural, pois a mesma teve seu início a partir da luta por uma educação realizada pelos movimentos sociais do campo. O termo "educação rural" remete-se a pacotes educacionais pré-estabelecidos voltados para formação de mão de obra.

Assim, surgiu da necessidade de possuir no campo uma educação de qualidade para os sujeitos do campo, cuja finalidade é “pensar como um processo de educação dos trabalhadores e trabalhadoras do campo” (CALDART, 2005, p. 24), ou seja, é pensada desde

os interesses sociais, políticos e culturais que compõe a vida desses sujeitos, valorizando suas concepções, cultura, tradição e o trabalho na terra.

A Educação do Campo vem com o propósito de uma modificação da estrutura social e cultural no meio em que está inserida, e principalmente, garantir a esses sujeitos a possibilidade do aprendizado igualitária, porém, pensada e realizada por eles mesmos.

Percebe-se nitidamente seu vínculo aos Movimentos Populares do campo, especificamente MST, devido ao surgimento das demandas de contrapor a Educação Rural, pois, foram os empobrecidos tradicionais do campo, em desobediência coletiva que se deram conta da educação diferenciada que necessitam e, por isto se colocaram a construí-la. Acredita-se na potencialização de saberes e experiências das comunidades em que os educandos estão inseridos para maiores aprendizados e o desenvolvimento de seu protagonismo.

De acordo com Caldart (2005, p.27), “a perspectiva da Educação do Campo é exatamente a de educar as pessoas que trabalham no campo, para que se articulem, organizem-se e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino”.

Um grande impulsionador da Educação do Campo foi o movimento "Por uma Educação do Campo", sendo ela uma “proposta de educação básica que assumisse, de fato, a identidade do meio rural, não só como forma cultural diferenciada, mas principalmente como ajuda efetiva no contexto específico de um novo projeto de desenvolvimento do campo” (Fernandes, Cerioli, Caldart 2002 p. 27).

4. Educação do Campo e UFFS

A oferta educacional, para ensino fundamental e médio, tem se mostrado um desafio devido à escassa formação de professores. Arelado a esses fatos está à evasão das licenciaturas, retenção nos anos finais e a falta de recursos financeiros para manter-se na graduação.

Fato este que se agrava quando o assunto é o campo, pois, uma parcela minúscula pertencente ao meio rural tem acesso ao ensino médio. Aos que conseguem chegar a este nível, enfrentam professores despreparados, pois a grande maioria possui apenas o ensino médio, resultando em uma defasagem educacional ainda maior.

Assim a formação de educadores do campo, pretende melhorar os processos educativos, com professores com formação acadêmica com conhecimentos em áreas de formação.

Deste modo o curso de Graduação Interdisciplinar em Educação do Campo – Licenciatura, ofertado pela UFFS, se faz necessário para atender a demanda educacional reivindicada pelos movimentos sociais, aos povos do campo, que romperá o paradigma do campo possuir escolas do campo e não ter Educação do Campo.

Este curso reforçará o vínculo, do estudante do campo, da educação com a sua realidade e contexto regional, incentivando por meio dos processos educacionais que, que o jovem camponês tenha alternativas para uma melhor qualidade de vida no campo.

O graduando de Educação do Campo na UFFS será licenciado como professor apto a atuar nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, escolas agrícolas e similares, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com uma formação diferenciada, da formação tradicional, pois, será formado por área do conhecimento, neste caso, nas áreas de Ciências da Natureza (Física, Biologia e Química) e Matemática e Ciências Agrárias (Solos, Zootecnia, Agroecologia, Fitotecnia, Olericultura e Fisiologia Vegetal).

O trabalho deste profissional não deve, nem deverá estar restrito ao espaço escola. Deverá sim atuar como mediador de conhecimento e articulação da comunidade em organizações coletivas em grupos sociais, com desenvolvimento de projeto que mescle escola e comunidade.

5. Educação do Campo: limites e possibilidades de formar por área de conhecimentos

A formação por área de conhecimento é um avanço, contudo tem gerado algumas manifestações críticas por parte das escolas e professores da rede pública, e até mesmo dos próprios professores do curso, fato em partes considerado normal, pois a formação por áreas, sendo este, um processo inovador que causa estranhamento nas escolas que tentam assegurar a fragmentação do conteúdos sem uma prévia discussão sobre a realidade do campo brasileiro, pois se trata do "novo dentro do velho", causando inquietação e desconfiança com o que de fato é inovador.

Na realidade local das escolas, é possível constatar um grande número de professores atuando fora da sua área, e com formação disciplinar. Assim reforçando a ideia, inovadora, de uma formação interdisciplinar voltada para o campo.

Visto isto, a formação interdisciplinar, não acontece no curso de Educação do Campo da UFFS, de fato, pois a desconfiança, a falta de compreensão dimensional do agravante educacional do campo brasileiro e a formação disciplinar dos professores, leva a um

pragmatismo, que transpassa o ambiente docente chegando aos alunos que mantêm-se inertes, sobre o seu papel na formação social e cidadã dos povos do campo. Contudo, há iniciativas de alguns professores, por meio de grupos de estudos, em articular o trabalho voltado para a interdisciplinaridade, mas, de modo geral a interdisciplinaridade não acontece, necessitando com urgência avançar o enfoque na docência, didática e metodologia interdisciplinar.

Há o indicativo por parte do Colegiado de reconstrução do PPC no ano de 2013 para a entrada das turmas em 2014 já com uma nova matriz e assim avançar nas discussões do processo formativo por área, para além das disciplinas; e ofertar de pelo menos uma turma a cada ano em regime de alternância.

Referências

CALDART, Roseli S. & CERIOLI, Paulo R. & KOLLING, Edgar Jorge. Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. DF-Brasília, Articulação por uma Educação do Campo, 2002.

CALDART, Roseli S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra** escola é mais do que escola. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CONDETEC. Território Cantuquiriguaçu – Paraná: Estratégia para o desenvolvimento II, 2009.